

## As relações entre capitalismo e forma romanesca em Lucien Goldmann

Aline Cristina Ferreira<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo apresenta as relações entre capitalismo e romance de acordo com Lucien Goldmann. Para tanto, apoiamo-nos especialmente em sua obra *Sociologia do romance*, em que o autor apresenta a historicização do romance de forma homóloga às mudanças do capitalismo. Acreditamos que nosso texto é relevante pois Goldmann apresenta uma visão crítica, a partir de conceitos como o de reificação. No entanto, apesar de seus méritos, em nossas considerações finais também apresentamos os limites do autor, já que os seus pressupostos teórico-metodológicos podem gerar uma análise mecanicista.

**Palavras-chave:** Romance e capitalismo; literatura e sociedade; Lucien Goldmann

### The relations between capitalism and romanesque form in Lucien Goldmann

**Abstract:** This article presents the relations between capitalism and romance according to Lucien Goldmann. For this purpose, we rely especially on his work *Towards a sociology of the novel*, in which the author presents the historicization of the novel in homology to the changes in capitalism. We believe that our text is relevant because Goldmann presents a critical view, based on concepts such as reification. However, despite its merits, in our final considerations we also present the author's limitations, since his theoretical-methodological assumptions can generate a mechanistic analysis.

**Keywords:** Novel and capitalism; literature and society; Lucien Goldmann

Lucien Goldmann foi um sociólogo franco-romeno, cuja produção é datada a partir da década de 1940, estendendo-se até o fim da década de 1960, no interior da academia francesa. Sua produção é destacada principalmente nos estudos sobre marxismo e literatura (EAGLETON, 2011; KONDER, 2013), além de ser considerado um dos principais representantes da sociologia da

---

<sup>1</sup> Doutoranda pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes).  
E-mail: allinex3@gmail.com

literatura (RICCIARDI, 1971). Contrapondo-se ao althusserianismo, ideologia influente em sua época, Goldmann era humanista e historicista, por isso alguns estudiosos o enquadram como marxista historicista (LÖWY, 1987).

Sua obra de destaque é *Le Dieu caché*, em que o autor faz uma análise de Pascal e Racine a partir do conceito de visão do mundo trágica, que, sabemos, provém do texto *Metafísica da tragédia*: Paul Ernst, do jovem Lukács (2015). Além desse campo de estudo associado à filosofia e ao teatro, Goldmann também investiu na análise de romances. Para tanto, buscou criar um aparato teórico-metodológico próprio, com influência estruturalista e marxista – o seu chamado estruturalismo genético. Isso se apresenta em seu também conhecido livro *Sociologia do romance* (em francês, *Pour une sociologie du roman*, título que dá um sentido mais aberto, menos acabado, à sua sociologia do romance). Nele, há ensaios específicos sobre o seu método e a análise de alguns romances, com a apresentação de um panorama relacional entre expressões literárias e a história do capitalismo. É especificamente esse elemento que objetivamos explorar no presente texto<sup>2</sup>.

Realizar tal trabalho é importante e relevante por dois motivos. Primeiro porque traz consigo uma perspectiva crítica e sobretudo totalizante das relações entre literatura e sociedade. Ou seja, trata-se de explorar uma perspectiva que não vê a literatura de maneira isolada da realidade social, e, ainda, parte de uma perspectiva crítica em relação à sociedade. Segundo porque, a nosso ver, é uma forma de contribuição para o desenvolvimento das discussões no interior da teoria marxista da literatura. Nesse sentido, não consideramos de forma alguma a visão de Goldmann como acabada, pelo contrário. Também sabemos que há outros autores que buscaram realizar tais associações entre literatura e períodos históricos, tal como é o caso de Lukács em, por exemplo, *O romance como epopeia burguesa* (LUKÁCS, 2011). Enfim, evidenciar o trabalho de Goldmann é importante na medida em que ele traz novos elementos que podem contribuir para pensarmos as relações entre literatura e sociedade<sup>3</sup>.

Para atingir o objetivo proposto, apoiar-nos-emos especialmente em *Sociologia do romance* em diálogo com as suas bases intelectuais (notadamente *A teoria do romance* e *História e consciência de classe*).

---

<sup>2</sup> Parcialmente isso já foi apontado por Frederico (2005; 2006), mas de forma mais geral, já que o objetivo do autor é nos apresentar a sociologia da literatura de Goldmann desde *Le Dieu caché* (1959) até *A criação cultural na sociedade moderna* (1971) e os seus principais conceitos (sujeito transindividual, visão do mundo etc.). O que pretendemos fazer aqui é um aprofundamento do elemento específico da historicização, baseando-nos em *Sociologia do romance* (1964).

<sup>3</sup> Por exemplo, no caso de Lukács, em *O romance como epopeia burguesa*, ele se atém mais à forma romance até se chegar às perspectivas do romance socialista. É certo que, em outros trabalhos, o filósofo húngaro também aborda autores considerados vanguardistas, mas ainda de forma crítica – às vezes com alguns recuos, como é o caso com Kafka. Goldmann, por outro lado, vai além, chegando até o *nouveau roman*, associando-o ao conceito de reificação.

Secundariamente, utilizaremos outros textos de sua autoria a fim de melhor compreendermos os conceitos utilizados.

### **O herói problemático e o fenômeno da reificação**

Lucien Goldmann defende a homologia entre a “forma romanesca” e a “estrutura do meio social”. Para traçar tal relação, nosso autor se apoia em *A teoria do romance*, de Georg Lukács, e *Mentira romântica e verdade romanesca*, de René Girard. Goldmann tenta “marxizar” o Lukács neo-hegeliano já que se utiliza das discussões presentes em *A teoria do romance* associando-as ao desenvolvimento do capitalismo e aos conceitos presentes em *História e consciência de classe*, notadamente o de reificação. O que gera uma interpretação específica do romance, desagradando o “velho” Lukács<sup>4</sup>. Vejamos como isso ocorre.

Para fundamentar a homologia entre a forma romanesca e a estrutura do meio social, Goldmann considera as relações traçadas por Lukács entre o herói do romance e o mundo degradado ao qual ele se depara. Para este autor, “O indivíduo épico, o herói do romance, nasce desse *alheamento* em face do mundo exterior” (LUKÁCS, 2009, p. 66, grifo nosso). Há aqui uma associação entre o mundo que é degradado e o herói do romance que é criado a partir dele. Há um herói problemático que busca de forma inautêntica valores autênticos em um mundo igualmente problemático. Por isso um problema ético se transforma em um problema estético. Sendo que a partir desse pressuposto Lukács constitui uma tipologia do romance: 1) romance do idealismo abstrato; 2) romance psicológico - o romantismo da desilusão; 3) romance de educação; 4) abertura de um novo tipo com Dostoiévski, já que Lukács pensava que em 1914 estaríamos em uma transição para um novo tipo de sociedade e Dostoiévski representaria essa mudança (LUKÁCS, 2009).

Goldmann insere nessa discussão o desenvolvimento histórico do capitalismo, retomando Marx e também *História e consciência de classe* por meio do conceito de reificação. A partir disso, o autor defende que há uma

---

<sup>4</sup> Como se sabe, Lukács passou durante sua trajetória intelectual por diversas perspectivas. Desde sua aproximação com o Círculo de Max Weber até chegar ao seu encontro com Lênin a partir da década de 1930 (LÖWY, 1979), e, no final de sua vida, passando ao “resgate do sistema de conselhos” na década de 1960 (LUKÁCS, 2008). Assim, em meio a críticas, autocríticas e recuos, Lukács não acha positivo o fato de Goldmann estar atrelado às obras de sua juventude: “É preciso dizer que, durante a remessa para Lukács de seu livro *Le Dieu caché*, que Lukács, aliás, apreciaria como uma obra interessante, Goldmann recebera daquela pessoa que não cessava de glorificar como ‘o maior pensador do século XX’, mas, exclusivamente, pela contribuição trazida por suas obras da juventude, uma carta extremamente significativa que revelava claramente a sua intenção de *não aceitar categoricamente todo o discurso goldmanniano sobre sua obra*” (TERTULIAN, 2008, p. 292, grifo nosso).

*homologia* entre o romance e a sociedade de mercado, sendo que tal relação é marcada pela reificação. Em suas palavras:

Com efeito, a forma romanesca parece-nos ser a *transposição para o plano literário da vida cotidiana na sociedade individualista nascida da produção para o mercado*. Existe uma *homologia rigorosa* entre a forma literária do romance, tal como acabamos de definir, nas pegadas de Lukács e de Girard, e a relação cotidiana dos homens com os bens em geral; e, por extensão, dos homens com os outros homens, numa sociedade produtora para o mercado. (GOLDMANN, 1967, p. 16)

Nesse sentido, o autor defende que o valor de troca e a coisificação são homólogos ao gênero romanesco. Conforme a coisificação avança, o romance acompanha tal “evolução”. Mas o que efetivamente significa esta coisificação? Ou, em termos lukacsianos, reificação?

A menção aos “poderes das coisas” (o que remete à coisificação) já está presente em Marx e Engels, em *A ideologia alemã*, estendendo-se, posteriormente, à discussão sobre fetichismo da mercadoria, no capítulo “A mercadoria”, de *O capital*. Nesses escritos é pontuado como as relações sociais *aparecem* como relações entre coisas, sendo que a “saída” para este problema seria a abolição da divisão do trabalho da sociedade capitalista. Vejamos o seguinte trecho de *A ideologia alemã*:

A transformação dos *poderes (relações) das pessoas em poderes das coisas [sachliche]* por meio da divisão do trabalho também não pode ser abolida pelo fato de se banir da cabeça a sua representação geral, mas apenas pelo fato de os indivíduos submeterem de novo a si esses *poderes das coisas* e abolirem a divisão do trabalho. (MARX; ENGELS, 2009, p. 94, grifo nosso)

Já o fetichismo da mercadora, conceito elaborado n’*O capital*, é caracterizado pela transformação das relações sociais em relações entre coisas que se manifesta quando o operário não reconhece o seu trabalho em sua própria produção. E, assim, as mercadorias produzidas aparecem como se tivessem vida própria, adquirindo um “caráter misterioso”, como pontuado por Marx na conhecida passagem:

O caráter misterioso da forma-mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens os caracteres sociais de seu próprio trabalho como caracteres objetivos dos próprios produtos do trabalho, como propriedades sociais que são naturais a essas coisas e, por isso, reflete também a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social entre os objetos, existente à margem dos produtores. (MARX, 2013, p. 147)

Lukács, sobre este fenômeno, enfatizando o ocultamento das “relações entre os homens” (isto é, das relações sociais), afirma o seguinte:

A essência da estrutura da mercadoria já foi ressaltada várias vezes. Ela se baseia no fato de uma relação entre pessoas tomar o caráter de uma coisa e, dessa maneira, o de uma “objetividade fantasmagórica” que, em sua legalidade própria, rigorosa, aparentemente racional e inteiramente fechada, oculta todo traço de sua essência fundamental: a relação entre os homens. (LUKÁCS, 2012, p. 194)

Lukács aponta que no capitalismo a mercadoria penetra “no conjunto das manifestações vitais da sociedade e remodela tais manifestações à sua própria imagem” (2012, p. 196). Ou seja, o caráter fetichista perpassa toda a sociedade capitalista, inclusive a consciência, que se torna coisificada ou, em seus termos, *reificada*. Na consciência, as formas do capital aparecem como verdadeiras e universais, como se as “coisas” existissem isoladamente. O imediato é tomado como o universal pela consciência reificada. Assim, o ser humano se torna um espectador em relação à realidade social.

Goldmann acrescenta este conceito de reificação à sua análise do romance, associando as obras *A teoria do romance* e *História e consciência de classe*. Mas não é apenas em *Sociologia do romance* que o autor discute sobre a reificação. Em ensaio anterior<sup>5</sup>, de 1958, Goldmann já expunha sua interpretação sobre esse conceito, trazendo-nos exemplos bastante didáticos, como podemos constatar no trecho a seguir:

“Um par de sapatos custa cinco mil francos”. É a expressão de uma relação social e implicitamente humana entre o criador de gado, o curtidor de couro, seus operários, seus empregados, o revendedor, o negociante de sapatos e, finalmente, o último, consumidor. Mas nada disso é visível; a maioria desses personagens não se conhece e até ignoram sua existência mutuamente. Ficariam todos espantados de saber da existência de um laço que os une. Tudo isso se exprime por um só fato: “um par de sapatos custa cinco mil francos”. Ora, isto não é um fato isolado; é, pelo contrário, o fenômeno social fundamental da sociedade capitalista: a transformação das relações humanas qualitativas em atributo quantitativo das coisas inertes, a manifestação do trabalho social necessário empregado para produzir certos bens como valor, como qualidade objetiva desses bens; a reificação que conseqüentemente se estende progressivamente ao conjunto da vida psíquica dos homens, onde ela faz predominar o abstrato e o quantitativo sobre o concreto e o qualitativo. (GOLDMANN, 1979, p. 122)

Considerando que a reificação é um “fenômeno social *fundamental* da sociedade capitalista”, naturalmente Goldmann dá centralidade a este conceito em seu estudo sobre romance e sociedade capitalista. O caráter social da produção literária, portanto, é a essência da abordagem de Goldmann. Por isso a sua preocupação com a reificação, que interfere nas relações sociais, vistas

---

<sup>5</sup> Trata-se da transcrição de uma palestra que Goldmann proferiu em Toulouse.

como relações entre coisas. Entendamos um pouco mais sobre tal caráter social, que envolve outros conceitos importantes.

### **O caráter social da produção literária**

Para Goldmann, o caráter social da produção literária se dá a partir da associação entre literatura e consciência de determinado grupo ou classe social. Segundo ele, a homologia entre o romance e a “consciência coletiva” não é uma novidade no interior da sociologia da literatura de sua época, havendo, neste ponto, uma afinidade entre a chamada “sociologia marxista” e as sociologias da literatura não-marxistas. Mas, ainda em sua perspectiva, a diferença entre estes dois campos (marxistas *versus* não-marxistas) se dá no modo de conceber a consciência: no marxismo há a *consciência possível*. Nesse sentido, o autor afirma:

No fundo, o que separa, nesse domínio como em todos os outros, a sociologia marxista das tendências sociológicas positivistas, relativistas ou ecléticas, é o fato de ela ver o conceito fundamental não na consciência coletiva *real*, mas no conceito construído [*zugerechnet*] de *consciência possível*, o único que permite a compreensão do primeiro. (GOLDMANN, 1967, pp. 18-19, grifo do autor)

De forma mais aprofundada, a discussão sobre consciência possível está presente em seu livro *Ciências humanas e filosofia*. Ao tratar sobre as ciências humanas, Goldmann aponta que os positivistas concebem somente a consciência real (isto é, aquela que enxerga o imediato, a aparência). No entanto, em suas palavras, “parece-nos que o conceito fundamental em ciências históricas é o de consciência possível, que tentaremos examinar a partir dos trabalhos de Max Weber e dos marxistas” (GOLDMANN, 1980, p. 94)<sup>6</sup>.

Em sua discussão sobre sociologia da literatura, Goldmann relaciona este conceito à literatura da seguinte maneira. As grandes obras literárias não são homólogas “conteudisticamente” como um reflexo direto em relação à consciência real, mas sim a partir de uma homologia de estruturas que não necessariamente estão ligadas a esta consciência real. Considerando, então, que Goldmann fala em consciência coletiva (seja real ou possível), outra questão a ser pontuada é que o autor relaciona as obras filosóficas, literárias

---

<sup>6</sup> Tal discussão apresentada por Goldmann vem de inspiração lukacsiana por meio do seu conceito de consciência adjudicada. De acordo com Löwy e Naïr (2008, p. 43), “A expressão ‘consciência possível’ é a tradução de Goldmann para o conceito de *Zugerechnetes Bewusstsein* (literalmente, ‘consciência adjudicada’ ou ‘consciência atribuída’), definido por Lukács em *História e consciência de classe* como a consciência que corresponde racionalmente à posição de uma classe no processo de produção”.

etc. não a um indivíduo, mas sim a um *grupo*. Em seus termos, uma obra é expressão da *visão do mundo* de um grupo ou classe social. Este é o elemento que faz com que as obras tenham um *caráter social*. Por isso, Goldmann reitera que seu estudo se trata de sociologia, desvinculando-se de análises puramente psicológicas. Para ele, o grupo social é o verdadeiro sujeito da ação (GOLDMANN, 1967).

Tal discussão está vinculada à visão do mundo, que é definida da seguinte maneira:

As visões do mundo são fatos sociais, as grandes obras filosóficas e artísticas configuram expressões coerentes e adequadas dessas visões de mundo; são como tais expressões *individuais e sociais ao mesmo tempo*, sendo seu conteúdo determinado pelo *máximo de consciência possível* do grupo, em geral da classe social, a forma sendo determinada pelo conteúdo para o qual o escritor encontra uma expressão adequada. (GOLDMANN, 1980, pp. 107-8, grifo do autor)

Vemos aqui a dimensão coletiva, ou melhor, social, da concepção de Goldmann em relação à produção literária. E, ainda, voltamos à questão da consciência possível, que, na maioria das vezes, pode ser expressa não em sua totalidade, mas em seu potencial máximo. Isso porque, diferentemente de Lukács (2012), Goldmann não considera a existência de uma identidade total entre sujeito e objeto do conhecimento. Na verdade, para ele, há uma identidade parcial. Além disso, o autor romeno não se refere apenas ao proletariado, mas a todos os grupos ou classes sociais que têm o potencial de chegar ao seu máximo de consciência possível.

Esse modo de conceber a análise da literatura é chamado, em *Sociologia do romance*, de “estruturalismo genético”<sup>7</sup>. O autor pontua que este método parte do pressuposto de que as estruturas do universo da obra são homólogas às estruturas mentais de certos grupos sociais (o que já pontuamos no caso do romance e a sociedade capitalista). Assim, em sua concepção, o estruturalismo genético contribuiu para o desenvolvimento da sociologia da literatura, pois ele não concebe o conteúdo de forma anedótica ao estudar a relação entre a obra literária e grupo social.

Desse modo, o último elemento que se deve considerar na sociologia do romance de Goldmann é o de que “A consciência coletiva não é uma realidade primeira, nem uma realidade autônoma; elabora-se implicitamente no comportamento global dos indivíduos que participam na vida econômica, social, política etc.” (GOLDMANN, 1967, pp. 18-9). Contudo, apenas determinados grupos sociais conseguem constituir grandes obras, apenas

---

<sup>7</sup> Antes dessa obra, Goldmann se utilizava dos termos “materialismo histórico” e “materialismo dialético” para se referir à sua teoria e metodologia. Com o passar do tempo o autor passou a incorporar o vocabulário estruturalista.

aqueles “cuja consciência propende para uma visão global do homem” (GOLDMANN, 1967, p. 209); sendo que “grupos sociais” não necessariamente são classes sociais: “Do ponto de vista da investigação empírica, é certo que, durante um período muito longo, as classes sociais foram os únicos grupos desse gênero [isto é, que possui uma visão global].” (GOLDMANN, 1967, p. 209)

Mas no romance a questão da visão do mundo é concebida de forma diferente, já que o autor considera que o *romance do herói problemático* é crítico e “oposicional” ao capitalismo, e expressa não a consciência de determinada classe (nem a real, nem a possível), mas ao mesmo tempo está relacionado à história e ao desenvolvimento da burguesia, pois se opõe justamente ao mundo degradado burguês.

A forma romanesca que acabamos de estudar [isto é, aquela do herói problemático, assim como concebido por Lukács] é, em sua essência, crítica e oposicional. É *uma forma de resistência à sociedade burguesa* em curso de desenvolvimento. /.../ O romance de herói problemático define-se assim, contrariamente à opinião tradicional, como uma forma literária ligada, sem dúvida, à história e ao desenvolvimento da burguesia, mas que não é a expressão da consciência real ou possível dessa classe. (GOLDMANN, 1967, p. 25, grifo nosso)

Deve-se acrescentar, ainda, outra questão: até aqui falamos do romance de herói problemático. Mas com a reificação cada vez mais crescente na sociedade capitalista, Goldmann identifica nos romances contemporâneos a ele uma associação entre obra literária e consciência reificada, sem passar pelo herói problemático, pois este desaparece. A partir de toda essa discussão é que o autor traça três fases marcantes de desenvolvimento do romance até chegar ao “triunfo” da reificação. Nesse sentido, os diferentes momentos do modo de produção capitalista acompanham diferentes “níveis” de coisificação. É o que veremos a seguir.

## **A historicidade do capitalismo e do romance**

No texto “Introdução a um estudo estrutural dos romances de Malraux”, Goldmann lança a hipótese de que a evolução dos romances deste autor ao longo da história transita na direção dos escritos em que o herói problemático não aparece mais. Assim, vai da forma romance habitual (“clássica”) às modificações históricas que chegam na dissolução do herói problemático. Tais pontuações são sempre enfatizadas dando atenção ao contexto sócio-histórico. Nesse sentido, as modificações dos romances não são explicadas por mudanças *individuais*. O contexto específico de Malraux, de acordo com Goldmann, é o da crise do individualismo, que colocou os problemas da ação e da morte. Além



disso, também é apontada a influência proveniente do existencialismo e marxismo, que estavam se adentrando na França. Nesse sentido,

trata-se de relembrar que *o escritor* não desenvolve ideias abstratas, mas *cria uma realidade imaginária*, e que as *possibilidades dessa criação não dependem*, em primeiro lugar, de suas intenções, e sim *da realidade social* em cujo seio ele vive e dos quadros mentais para cuja elaboração ele contribuiu (GOLDMANN, 1967, pp. 144-5).

É a realidade social que possibilita a criação de determinado universo ficcional, e não as intenções do autor. Daí a importância de se compreender as relações entre obra e contexto sócio-histórico, entre romance e capitalismo. A historicização desta homologia está presente especialmente nos textos sobre as análises das obras, sejam as de Malraux, sejam as de Robbe-Grillet.

Há a apresentação de três fases: 1) o início do romance até o século XX (aqui temos, por exemplo, Cervantes, Stendhal, Flaubert, Goethe etc.); 2) o período do início do século XX até a II Guerra Mundial (abordado nos estudos de Goldmann sobre Malraux, por exemplo); 3) o momento da Segunda Guerra Mundial em diante, considerando que Goldmann viveu até 1970 (aqui torna-se representativo o estudo sobre o *nouveau roman*). Exploraremos cada um desses períodos.

A primeira fase compreende o início do romance até o século XX. De acordo com Goldmann, tal período é caracterizado pela economia liberal e pela apologia ao individualismo. O capitalismo liberal, para o autor, é marcado pelo “seu progresso no decurso da segunda metade do século XIX e primeiros anos do século XX, progresso que estava associado à possibilidade de uma expressão colonial prolongada e contínua” (GOLDMANN, 1967, p. 167).

Nesse momento, a reificação é nascente e, portanto, não possui um impacto muito intenso na literatura. O herói busca se adaptar a um mundo degradado, já marcado por uma reificação nascente; no entanto, este herói não consegue a adaptação a esse mundo, daí a denominação *herói problemático*. É o herói de Lukács em *A teoria do romance*, como vimos anteriormente. Nas palavras de Celso Frederico, ao falar sobre essa fase apontada por Goldmann:

A literatura, nesse contexto, expressa o desconforto perante a reificação nascente. No mundo desumanizado, os personagens se debatem em busca de um sentido para a existência. O “herói problemático” faz a sua aparição, inicialmente em Dom Quixote e, depois, em Stendhal, Flaubert e Goethe. Romance, aqui, é crônica social: é estudo das relações entre os personagens problemáticos e os contextos sociais opressivos: essas relações nos contam a tentativa de realização de valores autênticos num mundo hostil aos valores; portanto, busca degradada de valores por personagens desadaptados – busca condenada ao fracasso, que assinala o caráter precário e problemático da forma romance. (FREDERICO, 2005, pp. 429-6)

Já a segunda fase data do início do século XX seguindo até o fim da II Guerra Mundial (aproximadamente de 1912 a 1945), denominada por Goldmann como fase imperialista, em que há a formação de monopólios. Trata-se de um período de crise estrutural do capitalismo. É o momento de declínio da economia liberal e, por conseguinte, do herói problemático. O comportamento humano torna-se central, especialmente na questão da ação e da morte. A focalização se dá na exposição das dificuldades do ser humano em se apresentar como indivíduo, diferentemente de como ocorria com as filosofias individualistas da fase anterior. Ao caracterizar esse período filosófico, Goldmann afirma:

Se o comportamento do indivíduo já não pode, com efeito, fundar-se nos valores transindividuais (pois o individualismo suprimira-os todos), nem no valor incontestável do indivíduo (agora posto em dúvida), o pensamento devia, necessariamente, centrar-se nas dificuldades desse fundamento, nos limites do ser humano enquanto indivíduo e na mais importante de todas – seu desaparecimento inevitável, a morte. /.../ Em resumo, privado de dois fundamentos possíveis, o *indivíduo* e as *realidades transindividuais*, o comportamento humano foi posto em questão, e essa crise assumia, para o pensamento filosófico, a forma do duplo problema da *morte* e da *ação*. (GOLDMANN, 1967, p. 191)

Para nosso autor, os dois primeiros romances de Malraux constituem uma resposta a esses problemas apontados pela filosofia da época. Aqui, o herói problemático não está presente como na fase anterior, pois nesse momento a literatura é marcada pela dissolução dos personagens, tendo como representantes Kafka, Joyce e algumas obras existencialistas, como *A náusea* de Sartre e *O estrangeiro* de Camus. Estes autores ainda conservam uma perspectiva humanista: “Kafka, Sartre, em *A náusea*, Camus, em *O estrangeiro*, conservavam ainda perspectivas humanistas, implícitas ou explícitas, que tornavam manifestamente seus livros obras de ausência” (GOLDMANN, 1967, p. 191).

Este é o período no qual estão inseridas as obras de Malraux, que sofrem uma mutação da forma romanesca. Com o tempo, o herói problemático se direciona à dissolução dos personagens, especialmente com o tema da morte. Nesse sentido, na concepção de Goldmann, há a constituição de um gênero intermediário. A “passagem” de um gênero a outro no caso de Malraux ocorre a partir da obra *Os conquistadores* (1928) e *A condição humana* (publicada em 1933, mas escrita anteriormente), direcionando-se a *Tempo de desprezo* (1935) e, por fim, *A esperança* (1937) – obras cujo herói não é problemático. Desse modo, esta última obra “tem por tema a relação *não problemática* do povo espanhol e do proletariado internacional com o partido comunista disciplinado e oposto à espontaneidade revolucionária” (GOLDMANN, 1967, pp. 116-7, grifo do autor). Por isso, *Tempo de desprezo* e *A esperança* não são

romances no sentido estrito tal como se encontra na conceituação do herói problemático.

André Malraux possui uma vasta produção textual. No entanto, Goldmann finaliza seu estudo com a obra *Os nogueirais de Altenburg* (1943-8), pois o autor francês começa a se dedicar a escritos teóricos e a partir de então, após a II Guerra Mundial, há uma nova fase literária. Trata-se da terceira fase do romance a qual mencionamos, caracterizada por uma sociedade capitalista avançada, com intervenção estatal – momento denominado por Goldmann como “capitalismo de organização”. Em suas palavras, após a II Guerra Mundial, há “uma sociedade capitalista avançada que, graças à criação de poderosos mecanismos de intervenção estatal e de regulamentação da economia, pôde prescindir da exportação maciça de capitais e investir no mercado interno” (GOLDMANN, 1967, p. 167).

Na visão de nosso autor, este último período é caracterizado pela vitória definitiva da reificação, tendo o *nouveau roman* como o novo representante do romance. Isso significa que elementos oriundos da reificação passam a se expressar na obra literária. Nesse sentido, ao analisar os escritos de Robbe-Grillet, um dos expoentes do *nouveau roman*, Goldmann aponta que os personagens possuem uma *passividade* – que, como vimos no início de nosso texto, faz parte do processo de reificação. Em suas palavras:

O que Robbe-Grillet constata, o que serve de tema aos seus dois primeiros romances, é a grande transformação social e humana, nascida do aparecimento de dois fenômenos novos e de capital importância: de uma parte, as autorregulações da sociedade e, de outra parte, a passividade crescente, o caráter de “olheiros” que os indivíduos adquirem, progressivamente, na sociedade moderna, a *ausência de participação ativa na vida social*, aquilo que, na sua manifestação mais visível, os sociólogos modernos chamam a despolitização, mas que, no fundo, é um fenômeno muito mais fundamental que se poderia designar, numa graduação progressiva, por termos tais como: *despolitização, dessacralização, desumanização, coisificação*. (GOLDMANN, 1967, p. 190, grifo nosso)

Goldmann aponta que tais características podem se manifestar no romance de maneira implícita, sendo que o seu criador não necessariamente é engajado. Tal descrição da passividade pode ser vista como algo crítico, o que não necessariamente pode ter sido intenção o autor. Robbe-Grillet é um exemplo disso. Este autor se declarava distante do marxismo, dizendo que os marxistas são aqueles que tomam posição, enquanto ele próprio buscava ser realista e objetivo, no sentido de não inserir julgamentos em suas obras.

Enquanto a discussão se limitava aos seus três primeiros romances, Robbe-Grillet ateu-se a sublinhar uma diferença importante entre o seu mundo romanesco e toda a tentativa marxista para interpretá-

lo como uma revolta contra a desumanização. Os marxistas, disse ele, são pessoas que tomam posições. Eu sou um escritor realista, objetivo; crio um mundo imaginário que não julgo, que não aprovo, nem condeno, mas cuja existência registro, como realidade essencial. (GOLDMANN, 1967, p. 191)

Considerando Robbe-Grillet um autor original, Goldmann também aponta que este seu aspecto realista, tal como definido na citação anterior, é o elemento característico da analogia entre os romances do *nouveau roman* e a estrutura social.

A obra de Robbe-Grillet equaciona, naturalmente, muitos outros problemas propriamente estéticos e que dizem respeito, em primeiro lugar, às modificações que o conteúdo fez introduzir na forma romanesca. Contudo, parece-nos que esta simples análise do conteúdo mais imediato dos escritos de Nathalie Sarraute e de Robbe-Grillet, bem como do filme deste último, tal como acabamos de esboçar, já é suficiente para mostrar que se dermos à palavra *realismo* o sentido de *criação de um mundo cuja estrutura é análoga à estrutura essencial da realidade social*, em cujo seio suas obras foram escritas, Nathalie Sarraute e Robbe-Grillet contam-se entre os escritores mais radicalmente realistas da literatura francesa contemporânea. (GOLDMANN, 1967, p. 195, grifo nosso)

Evidentemente tal definição de realismo está longe de ser consensual e é bastante diferente de outros autores que discutiram tal termo, como vemos nas obras de Lukács dos anos 1930, por exemplo<sup>8</sup>. No entanto, não teríamos espaço neste texto para abordar tais diferenças e as diferentes conotações de “realismo” trazidas por diferentes autores influenciados pelo marxismo. O que podemos constatar aqui é a relação feita entre *nouveau roman* e a intensificação da reificação, fechando a terceira fase que representa as relações entre romance e capitalismo de acordo com nosso autor.

### **A utopia da comunidade humana autêntica versus o “triunfo da reificação”**

Goldmann defende a hipótese de que a forma romanesca é uma resistência à sociedade burguesa, na medida em que ela não expressa nem a consciência real nem a consciência possível da burguesia, mas, pelo contrário, se opõe criticamente ao mundo burguês, degradado. O romance não tem um herói positivo (isto é, que exalta a sociedade em que vive), mas problemático. Assim, até mesmo quando chegamos ao terceiro período da sociedade capitalista em que a reificação reina e o herói já está dissolvido, o que

---

<sup>8</sup> Sobre isso, cf. o livro *Marxismo e teoria da literatura* (LUKÁCS, 2010). Há muitos outros escritos em que Lukács aborda este assunto. A coletânea sugerida traz os textos de maior destaque.

Goldmann vê no romance de sua época é a descrição desta reificação, gerando uma crítica implícita a ela (vide o seu exemplo dado com Robbe-Grillet). Dessa perspectiva surge um problema: se o romance não é expressão da consciência burguesa, há então uma relação direta entre sociedade e literatura. Por isso Frederico afirma que

Goldmann estuda o advento do *nouveau roman* sem referir-se a nenhuma classe social. Aqui, estamos em pleno mecanicismo: literatura é reflexo imediato que dispensa a mediação das classes sociais e de suas lutas; o próprio autor, em seu desenraizamento social, transformou-se num mero fotógrafo de uma realidade estranha que não lhe diz respeito (2005, p. 439).

Parece-nos, porém, que para Goldmann o autor da obra literária pode conseguir reproduzir a realidade em seu sentido objetivo, isto é, em sua forma verdadeira, e não como apenas uma fotografia. O fato de Robbe-Grillet descrever a passividade dos homens já revela a reificação, tornando a obra “realista”. Relembremos a seguinte afirmação: “*Nathalie Sarraute e Robbe-Grillet* contam-se entre os escritores mais *radicalmente realistas* da literatura francesa contemporânea” (GOLDMANN, 1967, p. 195, grifo nosso) sendo que realismo tem a ver com a captação da realidade essencial na definição trazida por Goldmann a partir do próprio Robbe-Grillet: “Eu sou um *escritor realista*, objetivo; crio um mundo imaginário que não julgo, que não aprovo, nem condeno, mas cuja existência registro, como *realidade essencial*” (GOLDMANN, 1967, p. 191, grifo nosso). Como coloca Frederico (2005), isso aparecerá de forma ainda mais evidente na produção pós-68 de Goldmann<sup>9</sup>. Isso, no entanto, não resolve o problema, pois Goldmann acaba não explicando por que essa visão crítica em relação à reificação (mesmo que não-intencional) ocorre, já que realmente nosso autor descarta aqui as classes sociais, dando uma autonomia demasiada ao autor que conseguiria transpor diretamente a “realidade” à obra literária.

Sem a presença de um sujeito criador transindividual (isto é, sem a mediação da visão do mundo de determinada classe entre sociedade e literatura), no fundo acaba havendo uma homologia direta entre estrutura social (capitalismo) e o romance. Se essa homologia vai resultar numa visão crítica à sociedade vigente, isso dependerá do realismo do autor (entendido tal como apresentamos anteriormente). Toda essa discussão implica não apenas uma visão mecanicista da criação literária nesse momento específico, como

---

<sup>9</sup> Nesse momento, “O *nouveau roman*, portanto, não é mais interpretado como constatação da reificação triunfante, mas sim como revolta. Mas essa literatura, ao contrário do realismo crítico, encontra-se impossibilitada de elaborar uma história capaz de ser percebida de modo imediato pelo leitor, já que a realidade, sob a reificação, apresenta-se invertida” (FREDERICO, 2005, p. 442). Mas, como colocamos anteriormente, vemos essa característica do *nouveau roman* já em *Sociologia do romance*, obra de 1964.

também implica deixar de lado a dimensão histórica e utópica que era presente no seu conceito de visão do mundo e de consciência possível. Nesse sentido, poder-se-ia dizer que Goldmann recai naquilo que ele combate: a consciência reificada, pois nosso autor não concebe mais as relações sociais e as múltiplas determinações na criação literária, mas apenas as relações entre coisas, ou melhor, entre estruturas. E mais: se há o triunfo da reificação, quais são então as possibilidades de transformação social? E nesse aspecto Goldmann realmente não é muito elucidativo, revelando uma brecha em sua teoria, caindo em contradição também em relação à sua defesa de aposta numa sociedade pós-revolucionária, anticapitalista.

Uma das características atribuídas ao pensamento de Goldmann é justamente a centralidade que ele dá à historicidade (LÖWY, 1987; LÖWY; NAÏR, 2008), o que significa conceber a história não apenas em relação ao passado, mas também ao futuro. Ou seja, houve sempre em Goldmann uma utopia que se direciona à comunidade humana autêntica, à superação do capitalismo<sup>10</sup>. No entanto, essa dimensão da *possibilidade* da transformação social parece se perder em *Sociologia do romance*. Löwy e Naïr (2008) defendem que isso ocorreu devido ao contexto histórico no qual Goldmann estava inserido, marcado por um refluxo das lutas operárias. De acordo com os autores, os anos 1960 foram marcados por questionamentos, momento em que nosso autor chega a defender um reformismo revolucionário.

Goldmann, contudo, revê sua posição após os acontecimentos em torno do chamado “Maio de 1968”, chegando a participar das atividades deste momento histórico: “basta nos lembrarmos da atividade de Goldmann em Maio de 1968, nos anfiteatros da Sorbonne ou na rua, ao lado dos manifestantes, para concluir sobre o caráter revolucionário de suas convicções” (LÖWY; NAÏR, 2008, p. 20). A partir desse momento, este autor volta a considerar a revolução. No entanto, Goldmann falece no ano de 1970, impossibilitando um maior desenvolvimento de seu pensamento.

O contexto sócio-histórico pode, evidentemente, ajudar a explicar as motivações pelas quais Goldmann abandona a sua perspectiva de transformação social, conformando-se com a ideia de “triunfo da reificação”. No entanto, isso não tira o fato de que a obra *Sociologia do romance* apresenta uma contradição que tem implicações teóricas importantes e por isso é imprescindível questioná-las e criticá-las para então se avançar no

---

<sup>10</sup> “Goldmann já estava longe [da Romênia]. Mas a visão do mundo e as categorias que ele assimilou em Botoșani, especialmente aquelas do Ha-Shomer ha-Tsair (humanismo, religiosidade secular, e socialismo vistos como a realização do individual-em-comunidade) permaneceram com ele. Ou, mais precisamente, ele as reinventaria em várias formas durante todos os trabalhos de sua vida, em sua insistência que uma “comunidade humana autêntica” era a verdadeira preocupação do marxismo, e em sua crença de que o marxismo representava uma aposta no futuro da humanidade semelhante à existência de Deus de Pascal.” (COHEN, 1994, pp. 24-5)

desenvolvimento de uma perspectiva mais rigorosa. A associação realizada entre sociedade e literatura em Goldmann é necessária e traz elementos interessantes, especialmente porque tem como fio condutor o fenômeno da reificação, mas está longe de ser ausente de defeitos.

### **Considerações finais**

Goldmann possui o mérito de conceber a literatura de um modo social, apontando para uma perspectiva crítica na medida em que associa as mutações do capitalismo e as conseqüentes diferenciações das manifestações literárias. Demonstra-se como estes dois elementos são intrínsecos entre si. Além disso, nosso autor também contribui para desmistificar a visão de arte sublime, como se esta fosse completamente autônoma de qualquer esfera social. Apontar suas contribuições, todavia, não significa isentá-lo de críticas.

Como vimos, uma das principais deficiências de sua concepção é que o autor acaba recaindo naquilo que ele busca combater, a consciência reificada, pois considera apenas as relações entre estruturas. Isso parece ser consequência não apenas da sua inserção em uma sociedade marcada pelo refluxo das lutas revolucionárias, como também de sua aderência parcial ao estruturalismo (mesmo denominando-o de *genético*, isto é, histórico). Mas isso já é assunto para um próximo texto.

### **Referências bibliográficas**

- COHEN, Mitchell. *The wager of Lucien Goldmann*. Princeton (NJ): Princeton University Press, 1994.
- EAGLETON, Terry. *Marxismo e crítica literária*. Trad. Matheus Corrêa. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- FREDERICO, Celso. A sociologia da literatura de Lucien Goldmann. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 19, n. 54, pp. 429-46, ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v19n54/21.pdf>>. Acesso em: 31 jul. 2020.
- \_\_\_\_\_. *Sociologia da cultura: Lucien Goldmann e os debates do século XX*. São Paulo: Cortez, 2006.
- GOLDMANN, Lucien. *Le Dieu caché*. Paris: Gallimard, 1959.
- \_\_\_\_\_. *Sociologia do romance*. Trad. Á. Cabral. RJ: Paz e Terra, 1967.
- \_\_\_\_\_. *Dialética e cultura*. 2. ed. Trad. Luiz Fernando Cardoso, Carlos Nelson Coutinho e Giseh Vianna Konder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Ciências humanas e filosofia*. 8. ed. Trad. Lupe Cotrim Garaude e José Arthur Giannotti. São Paulo: Difel, 1980.
- KONDER, Leandro. *Os marxistas e a arte*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

LÖWY, Michael. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários*. São Paulo: Lech, 1979.

\_\_\_\_\_. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento*. 5. ed. Trad. Juarez Guimarães e Suzanne Felicie Léwy. São Paulo: Busca Vida, 1987.

\_\_\_\_\_; NAÏR, Sami. *Lucien Goldmann ou a dialética da totalidade*. Trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2008.

LUKÁCS, Georg. *Der Spiegel* entrevista o filósofo Lukács. *Verinotio – Revista on-line de Educação e Ciências Humanas*, n. 9, ano V, pp. 338-50, nov. 2008. Disponível em: <[www.verinotio.org/conteudo/0.74809810123229.pdf](http://www.verinotio.org/conteudo/0.74809810123229.pdf)>. Acesso em: 31 jul. 2020.

\_\_\_\_\_. *A teoria do romance*. 2. ed. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Livraria Duas Cidades, Editora 34, 2009.

\_\_\_\_\_. *Marxismo e teoria da literatura*. 2. ed. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

\_\_\_\_\_. “O romance como epopeia burguesa” [1934]. In: LUKÁCS, György. *Arte e sociedade: escritos estéticos 1932-1967*. 2. ed. Trad. Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011, pp. 193-244.

\_\_\_\_\_. *História e consciência de classe*. 2. ed. Trad. Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

\_\_\_\_\_. *A alma e as formas*. Trad. R. Patriota. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MARX, Karl. *O capital: Livro I*. Trad. R. Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

\_\_\_\_\_; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Trad. Álvaro Pina. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

RICCIARDI, Giovanni. *Sociologia da literatura*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1971.

TERTULIAN, Nicolas. *Georg Lukács: etapas de seu pensamento estético*. Trad. Renira Lisboa de Moura Lima. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

Como citar:

FERREIRA, Aline Cristina. As relações entre capitalismo e forma romanesca em Lucien Goldmann. *Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas*, Rio das Ostras, v. 26, n. 2, pp. 305-20 jul./dez. 2020.

Data do envio: 1 ago. 2020

Data do aceite: 20 out. 2020

